



**Revistas de intelectuais exilados como objeto de pesquisa:
o caso de Araucaria de Chile e Encuentro de la Cultura Cubana**

**Exile Magazines as an object of historical research:
the case of Araucaria de Chile and Encuentro de la Cultura Cubana**

COELHO NETO, Raphael^{*}
PRATES, Thiago Henrique Oliveira^{**}

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar e refletir acerca de revistas de exilados enquanto fonte/objeto de pesquisa para historiadores. Embora as revistas já estejam consagradas na historiografia, enquanto objeto de investigação, aquelas produzidas por exilados não foram substancialmente estudadas e pouco se refletiu acerca de suas características. Acreditamos que a condição de exilado imprime particularidades a esses periódicos e deixa profundas marcas na produção intelectual neles publicada. Buscaremos perceber como essas revistas se configuram como espaço de sociabilidade e solidariedade entre intelectuais que visam romper a barreira instituída pelo exílio, além de se constituírem, também, como bens culturais de resistência política a regimes ou grupos autoritários que promoveram a prática do exílio. Para tanto, utilizaremos os debates efetuados nas revistas de exilados *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*.

Palavras-chave: Revistas. Intelectuais. Exílio. Araucaria de Chile. Encuentro de la Cultura Cubana.

Abstract: The main goal of this article is to analyse and reflect on the magazines created by exiles as a source and an object for historical study. Although these magazines have already been recognized within historiography as an object of research, those produced by exiles have not been substantially studied, and little has been reflected on their characteristics. We believe that the exile condition gave those periodicals some specific features, and it also influenced the intellectual works that were published on them. We seek to understand how these magazines became a space of sociability and solidarity between intellectuals, and how they attempted to disrupt the barrier created by the exile condition. We also consider these magazines as cultural assets of political resistance against authoritarian regimes or groups. To accomplish our goals, we will work with the debates published in the exile magazines *Araucaria de Chile* and *Encuentro de la Cultura Cubana*.

Keywords: Magazines. Intellectuals. Exile. Araucaria de Chile. Encuentro de la Cultura Cubana.

^{*} Mestrando em História e Culturas Políticas - Programa de Pós-Graduação em História - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, campus Pampulha - Av. Antônio Carlos, 6627, CEP: 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: raphaelcneto@yahoo.com.br.

^{**} Mestrando em História e Culturas Políticas - Programa de Pós-Graduação em História - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, campus Pampulha - Av. Antônio Carlos, 6627, CEP: 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: thoprates@gmail.com.

Introdução

As revistas latino-americanas de arte, cultura e política têm sido um importante espaço de sociabilidade e atuação de intelectuais desde princípios do século XX. Suas páginas mobilizaram importantes debates estéticos e políticos ao divulgar obras, novas práticas e gostos artísticos em países cujos mercados editoriais e público leitor iniciavam seu processo de expansão. Essas revistas contribuíram, ainda, para difundir e consolidar as ideias das vanguardas que se desenvolviam e que vieram a ter importante papel nos campos artístico e político da América Latina.

A renovação, trazida pela História Cultural nos anos 1980, intensificou o interesse dos historiadores por novas fontes, dentre elas os periódicos e as revistas, utilizando-as para compreender temas como o imaginário social e as representações vigentes em diferentes períodos e processos históricos. Da mesma maneira, a operação de resgate dos indivíduos, exercida pela nova historiografia, permitiu, também, a percepção e reconstituição de redes de sociabilidade existentes nas revistas e as distintas formas de conexão e relação entre a intelectualidade latino-americana, suas alianças, conflitos, impasses e negociações (ALTAMIRANO, 2008; SIRINELLI, 2003).

Frente a essa nova oportunidade, não tardou para que os historiadores desenvolvessem ferramentas teóricas e metodológicas para melhor tratamento das revistas como fonte e objeto de investigação. Munidos desse aparato, diversos pesquisadores se debruçaram sobre importantes e influentes revistas em território latino-americano, como as argentinas *Martín Fierro* e *Sur*, a peruana *Amauta*, *Revista de Avance*, em Cuba, e a brasileira *Klaxon* entre inúmeras outras.

Não obstante, constata-se que os estudos históricos pouca atenção deram às revistas culturais e políticas latino-americanas produzidas no exílio. O que se percebe, predominantemente, na historiografia, são estudos acerca da produção intelectual no exílio por meio de obras literárias, acadêmicas e ensaios. Mas, e sobre as revistas exílicas especificamente? Mesmo que algumas poucas pesquisas tenham se dedicado a analisar o conteúdo de revistas de exilados, é ainda latente a carência de reflexão, sobretudo teórica, acerca dessa fonte/objeto que carrega características peculiares: trata-se de tais periódicos como se possuíssem a mesma natureza de outros, sem se fazer a necessária problematização de como a condição exílica mostra-se profundamente presente no editorial e projeto das revistas. Quais seriam, portanto, as suas particularidades em relação às revistas culturais, em geral, produzidas em solos nacionais? Em que elas difeririam dos demais formatos de produção intelectual no exílio?

De maneira incipiente, este trabalho pretende pensar como a questão do exílio deixou profundas marcas em grande parte dos temas abordados nas revistas e na produção



dos intelectuais que nelas participaram, servindo mesmo como razão precípua para a construção e circulação dessas publicações. Assim, a condição exílica contribuiria para uma especificidade dessas fontes/objetos que merecem importante atenção e reflexão por parte do historiador. Acreditamos que as revistas de exilados compõem uma tentativa de superação das barreiras geográficas e temporais impostas pelo exílio, servindo como ponto de encontro para intelectuais submetidos a tal condição. Elas estabelecem novos espaços de solidariedade e redes de sociabilidade para os intelectuais no exílio, contribuindo para o florescimento de um debate que se encontra em risco devido às dificuldades de comunicação estabelecidas pela prática exílica.

Incitados, portanto, por esse objetivo de contribuir para um maior debate na historiografia, acerca das revistas forjadas sob a condição do exílio intelectual, propomos uma discussão em que leve em conta características gerais desses impressos, buscando enriquecer nossa análise por meio de duas revistas em especial: *Araucaria de Chile* (1978-1990) e *Encuentro de la Cultura Cubana* (1996-2009), criadas, respectivamente, por intelectuais chilenos e cubanos exilados durante as ditaduras de Augusto Pinochet e de Fidel Castro.

Buscaremos perceber, por meio da comparação entre as duas revistas, inseridas em contextos políticos diferentes - embora próximos em muitos aspectos - e com perspectivas ideológicas distintas, características que as aproximam e que, podemos dizer de antemão, estão presentes nas revistas exílicas em geral. Tentaremos efetivar uma análise em que leve em conta como a produção editorial e intelectual de *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana* dialogaram permanentemente com a condição exílica e de que maneira os intelectuais colaboradores de ambas responderam aos desafios encontrados.

126

Os contextos ditatoriais, o exílio intelectual e a fundação de revistas culturais de resistência política: um estudo de caso comparativo entre *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*

O golpe militar do dia 11 de setembro de 1973, no Chile, destituiu do poder o presidente Salvador Allende, eleito em 1970 pela Unidade Popular (UP), coalizão política composta por partidos de esquerda que propunha a "via chilena para o socialismo"¹. De acordo com Priscila Carlos Brandão Antunes (2010), o poder executivo, paulatinamente, concentrou-se em Augusto Pinochet, a ponto deste, até o final do regime militar, personificar um dos governos mais autoritários da América Latina nesse contexto.

¹ Os seguintes partidos compunham a UP: Partido Comunista (PC), Partido Socialista (PS), Ação Popular Independente (API), Radicais (PR), Movimento de Ação Popular Unificado (MAPU) e Partido Social-Democrata (PSD) (AGGIO, 2008, p. 78).



Fabiana de Souza Fredrigo (1998) e Pablo Policzer (1998) também indicam o gradativo aumento do controle estatal sobre a população chilena por meio, inicialmente, do fechamento do Congresso Nacional, de decretos-leis que aumentaram o poder político do executivo, proibindo todas as atividades políticas e sancionando a ilegalidade dos partidos, e da criação da *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA) que, em nome da segurança nacional, concentrou as medidas repressivas contra os opositores do governo. Os militares buscavam definir a situação do Chile como uma guerra aos inimigos internos - os marxistas e os adeptos da política de Salvador Allende – prolongando, por tempo indefinido, esse suposto “estado de emergência e crise”, convertendo um governo militar em um regime ditatorial (GARRETÓN *apud* REBOLLEDO GONZÁLEZ, 2003, p. 92). À medida que a repressão avançava, crescia, vertiginosamente, o número de mortos, desaparecidos, torturados e exilados.

Segundo Loretto Rebolledo González (2012, p. 178), “[...] jamais na história do Chile havia se registrado uma saída forçada de chilenos tão massiva em tão curto prazo, para lugares distintos, a partir de 1973 [...]”. O exílio chileno foi marcado por uma grande quantidade de intelectuais, artistas, profissionais e estudantes universitários (REBOLLEDO GONZÁLEZ, 2012, p. 181). Ao produzirem, nessas circunstâncias, os intelectuais chilenos exilados evidenciaram, de diversas formas, sua conduta de oposição e resistência política à ditadura pinochetista. A criação de *Araucaria de Chile*, em Roma, quatro anos após o golpe militar no Chile, pertenceu a esse contexto amplo de militância política.

Criada em 1977 e lançada oficialmente em Paris, sua sede inicial, em 1978, *Araucaria de Chile* foi uma revista cultural e política fundada e dirigida por intelectuais chilenos ligados ao Partido Comunista de Chile (PCCh) no exílio². Impressa em Madrid, a revista, de circulação trimestral, teve como diretor, ao longo de seus doze anos de publicação, o escritor e importante dirigente comunista Volodia Teitelboim. Carlos Orellana, integrante do comitê de cultura do PCCh, foi o secretário de redação da revista.

Com 48 números publicados, sem interrupção a cada três meses, de 1978 até o primeiro trimestre de 1990, quando, com o fim do regime militar pinochetista, a revista encerrou suas publicações, *Araucaria de Chile* veiculou e difundiu, em seus textos, visões

² Na reunião em que se decidiu pela fundação de *Araucaria de Chile*, estiveram presentes os comunistas Volodia Teitelboim, que viria a ser o diretor da revista, Carlos Orellana e o professor e poeta chileno Sergio Muñoz Riveros, além do poeta Omar Lara e do escritor Hector Pinochet, também chilenos. A reunião se deu em Roma por parecer, no primeiro momento, o melhor local, em termos de distância e deslocamento, para intelectuais exilados em distintos países europeus. Todavia, *Araucaria* estabeleceu-se em Paris por três razões: a possibilidade de se instalar em uma seção cedida pelo jornal *L’Humanité*, porta-voz do Partido Comunista da França; por viver exilado na capital francesa o escritor, redator e membro do Partido Comunista Chileno (PCCh), Carlos Orellana, nomeado secretário de redação da revista; e, por fim, por funcionar na cidade o comitê de cultura do PCCh, que poderia acompanhar a produção da revista e dar o apoio material necessário (SILVA, 2009, p. 18). Posteriormente, *Araucaria de Chile* estabeleceu-se em Madrid por uma questão pragmática de execução e distribuição da revista, já que ela havia sido impressa na capital da Espanha desde seus primeiros dias, pela editora *Ediciones Michay*. Mais informações, ver Carlos Orellana (1994) e Êça Pereira da Silva (2009).



de mundo e valores políticos ligados a culturas políticas³ de esquerda, principalmente a comunista, embora não fosse, oficialmente, porta-voz do PCCh e recebesse a colaboração de intelectuais de distintas tendências políticas.

O editorial de lançamento da revista esclareceu que o nome *Araucaria de Chile* foi uma referência a ícones da identidade chilena: a árvore típica da paisagem do país e os povos araucanos, conhecidos por resistirem bravamente à colonização dos espanhóis. *Araucaria* “[...] é não somente o símbolo de um povo que resistiu três séculos ao opressor. Também é a árvore que, inverno ou verão, representa a esperança [...]” (EDITORIAL, 1978, p. 7). Assim, na dupla conotação que carrega o nome da revista, *Araucaria de Chile* evidenciou seu caráter de resistência política à ditadura militar chilena e sua luta e esperança pelo restabelecimento da democracia no país.

Ao mencionar o comitê de redação da revista, composto, entre outros intelectuais, pelos professores, críticos literários e ensaístas Soledad Bianchi e Luiz Bocaz, além do economista Alberto Martinez, Carlos Orellana (1994, p. 16-17) defendeu que eles foram peças valiosas no estabelecimento de frutíferos nexos com um amplo leque de jovens escritores, tanto do exílio como do interior do país [Chile]⁴ Orellana (1994, p. 16), ao referir-se ao corpo editorial da revista, afirmou que

o diálogo e as discussões constantes e apaixonadas no interior desse grupo nos permitiam sentir que havíamos encontrado por fim aquilo que tão fervorosamente almejávamos desde muito tempo, anos antes do triunfo da Unidade Popular: o funcionamento, no campo da preocupação cultural, de uma inteligência coletiva afincada em uma visão marxista de mundo, capaz de unir qualidades que nos pareciam essenciais para legitimar uma vontade ideológica.

Essa citação evidencia a existência efetiva de uma rede de sociabilidade intelectual⁵, ligada a culturas políticas de esquerda, rede esta que poderia se fazer ainda maior, já que a revista contou com a colaboração de renomados escritores chilenos e latino-americanos, como Ariel Dorfman, Antonio Skármeta, Bernardo Subercaseaux, Fernando Alegría, Eduardo Galeano, Mario Benedetti, Julio Cortázar e Gabriel García Márquez.

Por sua vez, *Encuentro de la Cultura Cubana* (referida comumente a partir daqui como *Encuentro*) foi fundada em 1996, em Madri, pelo escritor cubano exilado Jesús Díaz. Seu propósito era publicar uma revista na qual fossem possíveis diferentes reflexões sobre

³ Entendemos por *Cultura Política*, embasados no estudo de Rodrigo Patto Sá Motta (2009), um conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas compartilhado por determinado grupo, expressando, dessa forma, identidades coletivas, fornecendo leituras e modos de ver comuns do passado, bem como para projetos futuros.

⁴ Os mencionados membros do comitê de redação da revista *Araucaria de Chile* tinham em comum a docência em universidades chilenas e francesas. Alberto Martinez, além de professor da Universidade de Reims, na França, foi diretor da *Dirección de Industria y Comercio* (DIRINCO), durante o governo da UP. Mais informações sobre os integrantes do comitê de redação da revista *Araucaria*, ver Carlos Orellana (1994).

⁵ Trataremos deste conceito adiante.



a cultura cubana, abordando assuntos como política, economia, arte e cultura. O primeiro volume a apresentava como um espaço de voz para todos os cubanos, dentro ou fora da ilha, lamentando uma suposta divisão da população de Cuba em pelo menos dois grupos representados, a princípio, como irreconciliáveis, a saber, os exilados e os que permaneceram na ilha.

Encuentro surgiu na conturbada década de 1990, durante a intensa crise do socialismo na ilha. Já a partir de finais dos anos 1980, progressivamente, Cuba deixou de receber o apoio econômico de seus antigos aliados do bloco soviético, como alimentos e petróleo a preço subsidiado, além de não mais obter ajuda financeira após o fim da União Soviética. Entre os anos 1990-1993, o PIB cubano retraiu-se em mais de 30%, a importação de combustíveis decaiu aproximadamente 72% e de outros produtos 76% (GOTT, 2004, p. 286-298). Dado esse momento de imensa retração econômica, o governo cubano instaurou o chamado Período Especial em Tempos de Paz, iniciando um processo de reformas estruturais da sua vida política, econômica e cultural.

Nesse período, a Revolução passou por grandes dificuldades, enfrentando o enfraquecimento e a descrença na ideologia revolucionária, abrindo espaço para uma nova oposição e para as críticas dos antigos inimigos. Rojas afirma que, a partir de 1992, após a queda do Muro de Berlim e da desintegração da União Soviética, a oposição cubana deixou de lado a escolha militar para derrotar Fidel Castro e decidiu adotar, portanto, novas modalidades, como a pressão comercial, migratória e diplomática a favor de uma democratização do regime cubano, apoiando a constituição de uma dissidência pacífica na ilha (ROJAS, 2006, p. 13). Surgiu, nesse momento, uma nova oposição interna⁶ e vários intelectuais se mobilizaram em crítica ao regime. Descontentes com o presente de Cuba, eles demandaram maior liberdade de participação e deliberação acerca dos projetos e reformas a serem implementados, muitas vezes sofrendo com a repressão e tendo que recorrer ao exílio (GOTT, 2004, p. 314-332).

O criador de *Encuentro* saiu da ilha durante esse crítico momento da Revolução. Jesús Díaz trabalhou com o regime cubano desde a vitória dos rebeldes em 1959. Revolucionário convicto dirigiu *El Caimán Barbudo*, suplemento literário de *Juventud Rebelde*, jornal da União dos Jovens Comunistas. O periódico buscou trazer debates sobre uma nova literatura que fugia ao dogmatismo e propunha a experimentação e inovação. Nas

⁶ Em 1988, surgiu o *Movimiento Cristiano de Liberación* de Oswaldo Payá, movimento ligado às democracias cristãs. Durante o processo de reestruturação da ilha, tal grupo constituía internamente uma das principais oposições ao regime castrista, articulando-se mesmo em torno de um projeto de lei proposto por Payá em 1998, que exigia reformas políticas a favor de maiores liberdades individuais, conhecido como *Proyecto Varela*. Em 2002, Payá teria apresentado à Assembleia Nacional Cubana mais de 11.000 assinaturas a favor de seu projeto. Ainda sobre a insatisfação e oposição crescente em Cuba, em 5 de Agosto 1994 centenas de pessoas foram às ruas de Havana em protesto contra a precária situação da ilha, no que ficou conhecido como *Maleconazo*. Fidel Castro mobilizou a polícia e grupos de apoio ao regime para tentar frear os protestos.



páginas de *El Caimán Barbudo*, Heberto Padilla elogiou, em 1967, a obra do exilado Guillermo Cabrera Infante e criticou a produção do comunista Lisandro Otero, polemizando com os grupos revolucionários mais ortodoxos.

O caráter heterodoxo de Jesús Díaz esteve, também, presente na fundação de sua revista *Pensamiento Crítico*, alinhada às correntes da nova esquerda europeia. Díaz e seus companheiros de edição buscaram trazer temas como o Maio de 1968 francês, o *black power* estadunidense e o pensamento de autores como Gramsci, Luckacs e Marcuse. Sua revista foi fechada por ordem de Raul Castro no mesmo momento em que foi dissolvido o Departamento de Filosofia da Universidade de Havana, onde era professor (DA FONSECA, 2006).

Figura polêmica, Jesús Díaz defendeu o processo revolucionário durante grande parte de sua vida. Até 1991, exerceu a função de secretário do núcleo do partido comunista no Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC). Seu rompimento com a Revolução viria em 1989, quando um tribunal militar cubano ordenou o fuzilamento de Arnaldo Ochoa e Tony de la Guardia por traição e por tráfico de cocaína. Díaz, aproveitando-se de uma bolsa de estudos, parte para a Alemanha, onde trabalhou em seu romance *Las palabras perdidas*.

Jesús Díaz declarou-se, oficialmente, dissidente e exilado em 1992, afirmando não estar de acordo como o lema “*socialismo o muerte*”, de Fidel Castro. Ele explicou seu posicionamento ao longo de sua trajetória como intelectual sob o regime revolucionário: “[...] Eu amava tanto a esta grande revolução que aceitava seu silêncio como se fosse inevitavelmente necessário. Creio ter me equivocado. Todavia, a decisão sempre era trágica porque, ao final, havia a prisão ou Miami [...]” (SIMMEN, 2002, p. 67). Ainda sobre sua dissidência, em uma entrevista concedida à revista *Lateral* de Barcelona em 2002, Díaz afirmou que deixou Cuba por encontrar-se “[...] desencantado com a experiência da revolução. Tudo aquilo havia terminado em uma ditadura terrível e eu me posicionava contrariamente [...]” (GONZÁLEZ apud DA FONSECA, 2006, p. 269).

Da mesma maneira que Jesús Díaz, outros intelectuais cubanos decidiram partir da ilha, constituindo uma nova oposição ao socialismo em Cuba. Embora tivesse reunido diversos e distintos colaboradores, *Encuentro* fez parte dessa dissidência política. Ela incorporou intelectuais que se exilaram em períodos anteriores e também a nova dissidência que participou do regime castrista ou que cresceu e se formou sob o mesmo.

A revista conheceu seu desfecho em 2009. A instituição, fundada no mesmo momento do periódico, *Asociación Encuentro de la Cultura Cubana*, terminou suas atividades, no ano citado, alegando dificuldades financeiras impostas pela crise internacional. Ainda que existisse um projeto de continuidade de publicação da revista, a incapacidade de

financiamento de agências governamentais e de fundações diversas decretou seu fim (EDITORIAL, 2009, p. 3-4).

Encuentro de la Cultura Cubana se propôs como um espaço de união e reflexão sobre a cultura de Cuba em toda a sua diversidade, elemento que, para os editores, poderia incorporar todos os cubanos em um único e indivisível grupo. Para tanto, buscou congregar escritores e artistas de dentro e de fora da ilha com o intuito de vencer a barreira imposta pelo exílio, prática que teria se tornado uma condição da cultura cubana após a vitória dos revolucionários em 1959 (ROJAS, 2006, p. 24).

A cultura foi, também, o principal assunto abordado no editorial de fundação de *Araucaria de Chile*. Com propósito semelhante ao dos editores da revista *Encuentro*, *Araucaria* foi apresentada como “[...] expressão exigente e unificadora da intelectualidade chilena [...] que vive dentro e fora das fronteiras [...]” (EDITORIAL, 1978, p. 6). Em seu primeiro editorial, afirmava-se que “os desterrados não se acostumam à ideia de uma cultura chilena dividida, a de dentro e a de fora”. *Araucaria* posicionou-se, portanto, como instrumento “[...] a servir a ideia da unidade da cultura nacional”, reforçando “a noção de que ela permanece vigente e criadora, apesar do fascismo [...]” (EDITORIAL, 1978, p. 6).

Aos editores da revista, preocupava um processo não só de ruptura, mas, sobretudo, de esvaziamento da potencialidade cultural chilena, processo denominado por eles de “apagão cultural”, em curso no Chile em função do exílio em massa de sua intelectualidade, provocado pela Junta Militar que assumiu o comando do país em 1973. Como expresso no editorial de lançamento da revista,

[...] tal fenômeno, mais que uma fuga de talentos, devia se qualificar como uma expulsão em massa de cérebros, a mais alarmante sangria de capacidades, expatriação forçosa de milhares de seus mais destacados intelectuais de todas as ordens do saber [...]. (EDITORIAL, 1978, p. 5)

O fenômeno da perseguição aos intelectuais, levando a um processo massivo de exílio, foi comum em todos os países de viés político autoritário. Trata-se de uma questão sintomática, que evidencia o intuito de eliminar a presença, em território nacional, daqueles opositores políticos que estão legitimados pela sociedade a falar em nome dela, influenciando, por conseguinte, a opinião pública.

Nesse aspecto, Luis Roniger (2010) destaca o sentido político do termo *exílio*, tratando-o como um mecanismo de exclusão institucionalizado utilizado, comumente, ao longo do processo histórico da América Latina independente. Esse mecanismo visa manter o controle da esfera pública, por parte do Estado, mediante a condenação de desterro àqueles que, de alguma forma, posicionaram-se contrários às políticas oficiais e ao *status quo*. Segundo Roniger (2010, p. 93), o exílio configura-se como uma solução intermediária, por parte do Estado, para lidar com os oponentes: ele é menos extremo que a execução e o

encarceramento, evitando, assim, um possível ciclo de retaliações pessoais ou de grupos, e limitando, por conseguinte, a expansão do conflito, além de diminuir a disseminação da violência estatal física e explícita, embora, a nosso ver, não podemos deixar de pensar que a imposição do exílio constitui-se, também, em uma violência de Estado.

Complementando esse sentido institucionalizado apresentado por Roniger, pensamos que o exílio constitui-se em uma pena significativa que implica em rupturas das redes de sociabilidade do indivíduo no seu país de origem, evitando um eventual protagonismo político na terra natal e, em alguns casos, levando à perda de fontes de sustento do desterrado. Dessa maneira, aparando-nos na concepção de Edward Said (2003), concebemos o exílio como forma de punição política contemporânea, uma condição histórica criada para negar a dignidade e a identidade ao indivíduo, precipitando-o em uma zona de exclusão moral e social. Apartados de suas supostas raízes, terras e experiências passadas, os exilados experimentam um estado de intensa descontinuidade identitária, geográfica e temporal, uma ruptura com seu universo de referências diárias e com seu cotidiano.

Nessa perspectiva, concordamos, também, com Denise Rollemberg (1999) quando a autora defende que, sem conhecer plenamente os códigos sociais e culturais do país que o recebe, o exilado torna-se, particularmente, marginalizado e solitário, vivenciando o choque cultural no dia a dia e lutando para refazer sua identidade. Por um viés semelhante ao de Rollemberg, novamente, Said (2003) destaca que os exilados, privados de um dos principais referenciais identitários do período moderno, o pertencimento à nação, tendem a não se adaptar às pátrias que os acolhem e as percebem como provisórias, cultivando, em si, um sentimento de orfandade.

O deslocamento forçado dos intelectuais e, por conseguinte, sua ausência no debate público nacional provoca a prevalência de um discurso oficial, tornando-o, praticamente, uníssono, difundindo valores convenientes ao Estado repressor. Por essa razão, os intelectuais exilados tendem a ter uma preocupação demasiada com a cultura do seu país de origem. Eles imputam para si duas responsabilidades principais, que são a de conservadores de uma herança cultural de seus países e a de intérpretes de soluções políticas para a superação dos regimes autoritários (RAMA, 1978, p. 95-105). Como vimos, por meio dos editoriais das revistas, tais responsabilidades estiveram presentes nos intelectuais que escreveram em *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*. A eles, cabia a função de posicionarem-se frente a questões de seu tempo, colocando-se como sujeitos engajados na resistência política às ditaduras, por meio da defesa de valores democráticos e da justiça social.

Assim, compartilhamos da noção de intelectual apresentada por Carlos Altamirano (2008, p. 9; 2006, p.102), segundo o qual os intelectuais constituem-se em atores do debate



público, “consciência” de seu tempo e intérpretes da nação, que transmitem publicamente seu pensamento, podendo atingir desde círculos restritos de letrados até setores mais amplos da sociedade. De acordo com Sirinelli (2003, p. 242-243), em abordagem mais ampla à apresentada por Altamirano, o termo intelectual traz, em si, duas acepções de natureza sociocultural, sendo uma mais extensa, marcada pela noção de “mediador” cultural, abrangendo escritores, jornalistas, professores secundários, eruditos etc., e outra mais restrita, amparada na noção de engajamento na vida social. Consideramos que essa última acepção, a de engajamento e intervenção crítica no espaço público, torna-se essencial para o intelectual exilado. Acrescentamos, ainda, que a condição de intelectual necessita do reconhecimento e legitimidade adquiridos junto a seus pares e à sociedade em geral⁷.

Acreditamos que os intelectuais colaboradores das revistas *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana* foram - como apontam Sirinelli e Altamirano, em suas respectivas acepções a respeito do termo *intelectual* - mediadores culturais, produtores e transmissores de ideias, engajados na vida social da América Latina, detentores de posicionamento político, participantes do debate público com grande capacidade interpretativa da realidade na qual estavam inseridos.

As revistas culturais, em geral, nas quais, frequentemente, atuam a intelectualidade mais proeminente de seus países, tal qual ocorreu com *Encuentro* e *Araucaria*, são comumente dirigidas por um coletivo, e “[...] informam sobre os costumes intelectuais de um período, sobre as relações de força, poder e prestígio no campo da cultura [...]” (SARLO, 1992, p. 15). Nessa perspectiva, Regina Crespo (2010, p. 3) afirma que as revistas culturais e políticas são tradicionalmente o resultado de uma ação coletiva, de um projeto coletivo, representando, assim, o ponto de vista de um grupo de intelectuais, sua intervenção ideológica na arena político-cultural.

Dessa maneira, percebemos as revistas como preciosos lugares para a análise do movimento das ideias, assim como podemos concebê-las como espaços de sociabilidade intelectual (SIRINELLI, 2003, p. 249). Elas estimulam a construção de redes de sociabilidade na medida em que materializam, em papel, os pensamentos de grupos intelectuais com propostas políticas comuns (CRESPO, 2010, p. 5).

Entendemos por rede de sociabilidade intelectual, portanto, um conjunto de intelectuais que se comunicam em razão de suas atividades profissionais, sejam eles escritores, professores, artistas, políticos, críticos, juristas etc. Segundo Eduardo Devés-Valdés (2007, p. 30), a real constituição de uma rede demanda frequência e densidade em relação à comunicação de seus membros. No entanto, embora as redes de sociabilidade

⁷ A esse respeito, ver o conceito de capital cultural e simbólico em Pierre Bourdieu (2002).



remetam à associação de intelectuais por cumplicidade e afinidade de ideias, elas não excluem a pluralidade de pensamentos dentro dos grupos. Tampouco eliminam as “batalhas internas e externas, tanto políticas quanto culturais” (REIS, 2012, p. 21).

Araucaria de Chile e *Encuentro de la Cultura Cubana* contribuíram para a formação de redes de sociabilidade transnacional de intelectuais. As duas revistas buscaram agregar intelectuais, de fora e de dentro de seus países de origem, que desejassem colaborar com as propostas políticas alternativas aos governos autoritários aos quais se referiam sempre de maneira crítica. Parece-nos útil, portanto, utilizarmos o conceito de *editorialismo programático*, entendido como a linha editorial política e militante dos periódicos, uma espécie de motor propulsor para as revistas, tal qual proposto por Fernanda Beigel (2003, p. 108). Defendemos que a forte articulação entre os textos veiculados nas revistas e a política efetivou-se em torno do exílio e da oposição aos regimes ditatoriais de Augusto Pinochet (*Araucaria*) e de Fidel Castro (*Encuentro*). Os intelectuais presentes em *Araucaria* e *Encuentro* conformaram, em suas respectivas revistas, projetos políticos semelhantes, compartilhando uma similar visão de mundo acerca das questões políticas, superando as divergências e conflitos internos, dando uma mínima coesão a ambos os periódicos. Os intelectuais que contribuíram nessas duas revistas se identificaram com projetos editoriais que mobilizaram o combate às ditaduras e às práticas autoritárias presentes em seus respectivos países.

Araucaria de Chile, por exemplo, frequentemente, voltou-se para o governo de Augusto Pinochet como “fascista”. Por personificar uma das ditaduras militares mais sangrentas e repressivas do Cone Sul, durante as décadas de 1970 e 1980, Pinochet teve sua imagem associada, na revista, à de Adolf Hitler. Foram frequentes as associações ao autoritarismo político do nazi-fascismo. Assim o fizeram Adolfo González-Dagnino e Luis Corvalán – este, secretário-geral do Partido Comunista de Chile (PCCh) à época - logo no primeiro número de *Araucaria*, em dois longos artigos sobre o golpe militar no Chile.

Para o primeiro, a Junta Militar, centralizada em Pinochet, “[...] assumiu a totalidade do poder em 1973, estabeleceu a clausura no Congresso Nacional, [...] declarou estado de sítio, [...] abriu campos de concentração [...]” (GONZÁLEZ-DAGNINO, 1978, p. 37). A referência aos campos de concentração nos leva a uma comparação direta e inevitável com o nazismo de Hitler. Luis Corvalán, por sua vez, ainda mais incisivo, declarou que “[...] o golpe fascista no Chile [...] e a tendência de certos círculos em reivindicar a Hitler e ao Terceiro Reich inquietam os homens e as forças democráticas de todo o mundo [...]” (CORVALÁN, 1978, p. 55).

A imagem do governo militar chileno, construída negativamente, foi o contraponto das representações referentes ao governo de Salvador Allende. Corajoso, digno e fiel a seus princípios socialistas e ao povo chileno, Allende foi alçado por Volodia Teitelboim à condição

de um dos principais líderes políticos da América Latina. Em suas palavras, “[...] o socialista Allende se consumiu em um sincero anseio de levar adiante, no Chile, uma revolução de conteúdos universais [...] que não desejava ignorar sua natureza latino-americana [...]” (TEITELBOIM, 1983, p. 22).

Em linhas gerais, *Araucaria de Chile* buscou denunciar o autoritarismo pinochetista, a falta de liberdade política e as atrocidades cometidas contra os direitos humanos no Chile. Ao passo que exercia suas críticas ao governo de Augusto Pinochet e à sua política de caráter neoliberal, buscou difundir proposições políticas de esquerda associadas, sobretudo, às diretrizes do PCCh.

Encuentro de la Cultura Cubana, por seu turno, posicionou-se contra um regime que, supostamente, separaria e isolaria seus cidadãos, fato considerado perigoso pela revista. Ela articula o que chamamos de *contradiscorso* do exílio, uma narrativa que se propõe como dissidência fora de Cuba. Pretendeu ser plural e democrática, evitar as bruscas cisões que negassem a dignidade dos indivíduos e que flagelassem a cultura da ilha. Ao buscar reunir os indivíduos em suas páginas, *Encuentro* se opôs a uma face excludente do regime castrista e articulou um discurso que sugeriu uma nova organização da sociedade de maneira a abarcar o maior número possível de cubanos.

A revista se opôs, ferrenhamente, às instituições e práticas autoritárias em Cuba durante o governo de Fidel Castro. Dedicou páginas para denunciar o desrespeito aos direitos humanos, à violência contra homossexuais e para criticar o legado soviético que o processo revolucionário não conseguiu extirpar. Os colaboradores da revista se esforçaram em defender a liberdade de expressão e de atuação dos intelectuais, atacando, ferrenhamente, a censura e a perseguição a esses, buscando, sempre, pensar, criticamente, as instituições e programas governamentais que excluía intelectuais dissidentes. O verdadeiro papel do intelectual seria o de exercer a palavra crítica e não deixar se cooptar jamais e, àqueles que se vincularam ao poder e ao regime castrista, *Encuentro* enviou uma mensagem: “[...] aos ditadores não se elogia, chamem-se Salazar, Stalin, Pinochet ou Fidel Castro [...]” (MARTÍNEZ, 1998-1999, p. 149).

Entretanto, *Encuentro de la Cultura Cubana* não elegeu apenas o governo cubano como seu único inimigo. Seus intelectuais se posicionaram, também, contra toda proposta e tentativa de destruir a soberania e a autodeterminação nacional advinda de certos setores da oposição, nomeadamente da Flórida. Fato bastante incomum em uma revista de dissidentes políticos, em todos os exemplares de *Encuentro*, foi possível perceber a constante crítica à política externa dos Estados Unidos em relação a Cuba e um rechaço à escolha pelo confronto. Em nenhum artigo da revista publicou-se algum elogio ao bloqueio

efetuado pelos norte-americanos, percebendo-se total desprezo pela lei *Helms-Burton*⁸ e pela possibilidade de ingerência dos assuntos cubanos por parte de estrangeiros.

Como marca das revistas exílicas, em geral, podemos, certamente, conceber *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana* como atores políticos de seu tempo. Como sustentam Beatriz Sarlo (1992), Regina Crespo (2010) e Mateus Fávaro Reis (2012), as revistas devem ser compreendidas como atores do seu tempo presente, como instrumentos de comunicação que objetivam influenciar o comportamento político, cultural e/ou artístico de grupos e coletividades. De acordo com Beatriz Sarlo (1992, p. 10), o conteúdo de uma revista “[...] rende tributo ao presente justamente porque sua vontade é intervir [nele] para modificá-lo [...]”. Afirmamos, portanto, em consonância com essas análises apresentadas, que as revistas são fruto de um contexto e, é precisamente sobre tal conjuntura, que elas buscam atuar, seja para apoiar, seja para opor-se a certos acontecimentos políticos, culturais ou econômicos de dada realidade histórica.

As revistas culturais e literárias, produzidas em seus próprios países, podem ou não ser marcadamente políticas. Algumas podem se dedicar, majoritariamente, às análises das artes e da literatura nacionais ou internacionais, estando as discussões políticas subjacentes ou relegadas a um segundo plano. As revistas exílicas, ao contrário, são necessariamente políticas, ainda que possuam um conteúdo cultural significativo, como ocorreu em *Araucaria* e em *Encuentro*. Mais do que isso, podemos defini-las como bens culturais de resistência política, exatamente pelo fato de todo seu conteúdo, independentemente do assunto abordado, estar, direta e inevitavelmente, vinculado a uma condição política, que é a do exílio. Segundo Paloma Vidal (2004, p. 60), os discursos do exílio, falem ou não dele, estão “contaminados pelo político”, pois o que o escritor exilado diz “[...] já constitui uma ação comum, o que ele diz ou faz é necessariamente político [...]”.

Assim, em publicações feitas sob o exílio, é essencial observar como essa condição marca, profundamente, sua produção, chegando mesmo a se constituir como pré-requisito de existência para certos periódicos, como foi o caso de *Araucaria de Chile*. A criação intelectual e as narrativas submetidas ao exílio mobilizam os debates efetuados nas revistas e possibilitam diálogos constantes com os conteúdos políticos nelas presentes, assim como na escolha dos intelectuais colaboradores.

⁸ A *Cuban Liberty and Democratic Solidarity Act (LIBERTAD)*, mais conhecida como Lei Helms-Burton, foi proposta pelos senadores Jesse Helms e Dan Burton em 1995 e aprovada em 1996 após um profundo atrito diplomático entre o governo cubano e o estadunidense. Grosso modo, a lei serviu para endurecer o embargo econômico à ilha visando desestabilizar e derrubar o governo de Fidel Castro através do progressivo empobrecimento e carência da população cubana. A lei ainda apontou que somente o congresso norte-americano (instituição que possui representantes da comunidade cubano-americana) pode eliminar às sanções sobre Cuba e limitou a ação presidencial no que tange às relações com esse país. A lei previa ainda que Cuba estabelecesse eleições democráticas livres nas quais os irmãos Castro não poderiam concorrer e, ponto ainda mais polêmico, que todas as propriedades de cidadãos americanos (cubano-americanos) e de empresas que foram expropriadas pela Revolução fossem devolvidas aos seus antigos donos.



Revistas como *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*, geralmente, expressaram e mobilizaram um sentimento de nostalgia ligado à experiência do exílio. Em perspectivas similares às apresentadas por Said (2003) e Rollemberg (1999), como analisamos anteriormente, ambos os impressos trataram com dor a separação da terra natal e atacaram as práticas políticas e autoritárias dos regimes que influenciaram os indivíduos na escolha de partir da pátria, ou, em inúmeros casos, obrigaram-nos a tal atitude.

Virginia Vidal escreveu um ensaio sobre a condição de exilado e expressou aquilo que está presente em outros textos sobre o exílio publicados na revista *Araucaria de Chile*⁹. Segundo ela, fora do país de origem, “[...] não se está integrado ao ambiente. Ir ao cinema, a um concerto, [...] a um estádio, somente se torna possível com um poderoso esforço de vontade [...]” (VIDAL, 1979, p. 138). A autora considera que o exilado está sujeito a enfermidades psíquicas proporcionadas pela perda gradual de identidade. Ao exilado restam as lembranças das pessoas e das situações da terra natal. Fora de seu país, percebe-se como o “outro”: “[...] não pertencemos ao grupo dos ‘nossos’. Somos os ‘outros’ e estamos conscientes dessa ‘otredad’[...]” (VIDAL, 1979, p. 140).

Como apontam muitos intelectuais cubanos apresentados por *Encuentro de la Cultura Cubana*, em perspectiva semelhante às concepções dos colaboradores de *Araucaria de Chile* que escreveram sobre o exílio, o desterro toma contornos ovidianos, de dor e perdição. A prática do exílio não se apresenta apenas de forma objetiva e concreta, mas também subjetiva: configura-se como uma busca desesperada do indivíduo de um lugar para se viver. O próprio tempo se congela: a esperança e a espera para o exilado não significam mais nada. O exemplo da poética de um dos intelectuais colaboradores da revista, Gastón Baquero, é marcante: no exílio, o poeta deixa de viver. Ou o trecho de *Antes que Anoiteça* de Reinaldo Arenas, recuperado por *Encuentro*, afirmando que para um desterrado não há lugar algum em que se possa viver (QUEVEDO, 1999, p. 181-182). O medo do exilado torna-se, assim, o de estar no *não-lugar*, em um espaço de negação da própria existência.

Dentro desse viés negativo e pessimista sobre o exílio – veremos perspectivas distintas à frente - podemos pensar, compartilhando a perspectiva de Ángel Rama (1978), que o exílio submete aqueles que o sofrem a processos de transculturação, a experiências sociais violentas e a rudes mutações em razão da obrigatoriedade de viver em ambientes culturais e de sociabilidade distintos do seu ambiente de origem. Acrescentando a essa ideia, refletimos também que a dificuldade dos exilados, a maioria deles, não consiste

⁹ A perspectiva do exílio enquanto tragédia coletiva esteve presente também em Alfonso González-Dagnino (*Araucaria de Chile*, n° 7, p. 117-134). Uma dupla percepção do termo pode ser encontrada em Hector Fernando Abarzua, que se referiu ao exílio tanto dor e punição, como, por outro lado, uma possibilidade de criação de obras historiográficas e testemunhais que denunciassem a repressão política e os atentados aos direitos humanos praticados por Pinochet (*Araucaria de Chile*, n° 7, p. 145-157).



somente em ser forçado a viver longe do seu país, mas, sobretudo, em ter de viver com a lembrança de que se encontra no exílio, situando-se em um estado intermediário no qual não está integrado ao novo ambiente social nem totalmente liberto do seu lugar de origem (SAID, 2005, p. 56-57).

Por sua vez, Emir Rodríguez Monegal afirma que, para a existência da literatura, por exemplo, torna-se necessário que exista também a discussão, que as obras dos autores possam ter espaço para o diálogo. O exílio não apenas implicaria na fragilização do espaço destinado a esse debate, mas também na ruptura de uma comunidade já formada de interlocutores: o intelectual deixa seu país, enquanto seu público ali permanece. Há um desencontro, mesmo físico, entre o leitor e o escritor, que deve buscar um novo público (RODRÍGUEZ MONEGAL, 1982).

As revistas de exilados possuem, portanto, a importante função de sobrepujar essa fragmentação e superar as barreiras impostas, oferecendo novas possibilidades de associação entre intelectuais. Elas estabelecem um importante meio de comunicação e divulgação de seus trabalhos, além de dar notoriedade a indivíduos que se encontram marginalizados em seus países de origem. Essas revistas buscam reconstruir o espaço de debate intelectual assolado pelo regime ditatorial, oferecendo, aos intelectuais, acesso a distintos públicos leitores.

Em sua edição de abertura, *Encuentro de la Cultura Cubana* deixou bastante claro esse propósito. Gastón Baquero reconheceu a necessidade de promover encontros de escritores e artistas como maneira de superar os focos de dispersão produzidos ao longo do processo histórico. O autor afirmou que, ao construir a revista, o propósito dos editores era fornecer um ponto de *encontro* aos criadores de cultura (BAQUERO, 1996, p. 4).

Jesús Díaz apresentou opinião semelhante. Em entrevista concedida ao *Le Monde*, em 29 de maio de 1998, transcrita em sua própria revista, Díaz considerou *Encuentro* como uma ponte de união por cima dos antagonismos e que teria trazido à luz uma nova geração de escritores. A revista foi interpretada, pelo seu criador, como um lugar de encontro democrático e de superação dos antagonismos, um local de debate. Ela teria oferecido espaço para todos aqueles que se encontravam em uma vida cultural tragicamente fragmentada (MASPERÓ, 1998, p. 101).

No caso de *Araucaria de Chile*, os laços de sociabilidade e solidariedade, entre os intelectuais da revista, foram reforçados em eventos organizados para comemorar seus aniversários. Saraus, conferências e atos foram realizados, contando com a presença de membros do comitê editorial, colaboradores e leitores (SILVA, 2009, p. 24).

Encontros mais amplos, como os colóquios, que contavam com a participação de vários intelectuais latino-americanos exilados, também foram comuns. *Araucaria* noticiou e publicou as discussões de alguns desses encontros, dentre eles a exposição pública do



diretor da revista, Volodia Teitelboim, durante o *Encuentro de Intelectuales de Nuestra América por la Soberanía de los Pueblos*, em 1981, na qual, predominantemente, discutiu-se sobre a política externa ofensiva e imperialista dos Estados Unidos sobre a América Latina e o papel do intelectual latino-americano diante de tais impasses (TEITELBOIM, 1981, p. 19-29).

Esses encontros, ocorridos tanto nas redações das revistas como em colóquios, faziam parte dos esforços dos intelectuais exilados na busca por uma maior colaboração entre as iniciativas de luta pela soberania dos povos da América Latina e pela restituição das democracias em seus países. Ademais, tiveram, também, o objetivo de manter uma espécie de laço afetivo e de solidariedade em relação aos exilados latino-americanos, dado o entendimento das condições físicas e psicológicas adversas que a condição exílica provoca.

No entanto, falando, especificamente, das revistas, em que pese a produção desses impressos como forma de tentar aplacar a crise identitária do exilado, além, é claro, de difundir projetos políticos contrários àqueles vinculados aos regimes autoritários de seus países de origem, o exílio implica em dificuldades materiais de produção e circulação das revistas: a busca por financiadores fora da terra natal torna-se fundamental para mantê-las vivas. O possível problema do idioma no país de publicação pode oferecer restrições à expansão do periódico no mercado editorial. As barreiras e distâncias na comunicação entre os intelectuais situados em distintos lugares estabelecem desafios à constituição de redes de sociabilidade e tendem a apartar indivíduos, antes, próximos. A procura por um público leitor que apresente interesse nas temáticas tratadas por intelectuais estrangeiros muitas vezes limita a produção intelectual e a reflexão sobre certos assuntos. A proibição da circulação no país, do qual foram banidos os colaboradores das revistas, reduz o contato com um público que compartilha os mesmos códigos culturais e as mesmas práticas sociais com esses intelectuais, forçando-os não apenas a buscar outros indivíduos com quem dialogar, mas também novas formas de escrever e outros temas a serem tratados.

De acordo com Ángel Rama (1978), o escritor/intelectual exilado pode atuar junto a três públicos que, por mais familiares que sejam, encontram-se em distintas circunstâncias: o público majoritário do país ou cultura na qual se está exilado; o público também amplo de seu país de origem, com o qual aspira manter comunicação, escapando, de algum modo, aos obstáculos colocados pelas ditaduras para a circulação de sua mensagem; e, por fim, aos interlocutores mais específicos pertencentes à população exilada.

Desses, o intelectual exilado tem propensão a priorizar como público, segundo Ángel Rama, sua própria comunidade de origem, portanto, seus compatriotas e/ou seus pares exilados. Como, no primeiro caso, sua produção intelectual tende a circular apenas de maneira clandestina, já que a condição política ditatorial impede o alcance de um público mais amplo, a população exilada é provavelmente a mais interessada e com a qual a

mensagem transmitida atinge maior sentido, por viver as mesmas circunstâncias do escritor: a sobrevivência em outro país, a nostalgia de suas origens, o esforço por manter seu peculiar modo de vida e suas tradições culturais que, bruscamente, foram-lhes retiradas e a esperança de transformações em seus países que permitam a recomposição de uma sociedade democrática (RAMA, 1978, p. 95-105).

Embora concordemos com Ángel Rama quanto às possibilidades de público para aqueles que escrevem do exílio, acrescentamos que, junto a elas, existe a interlocução com um público ainda mais amplo, a comunidade internacional. Pensamos que tanto *Araucaria de Chile* quanto *Encuentro de la Cultura Cubana* cumpriram, também, a função de denunciar a repressão e as atrocidades cometidas pelos regimes autoritários no Chile e em Cuba, respectivamente, buscando alertar e influenciar a opinião pública estrangeira.

Por esse aspecto, a circulação das denúncias aos regimes ditatoriais pode ser encarada como condição favorável possibilitada pelo exílio, ao contrário da produção intelectual oriunda do interior dos países submetidos à repressão e à censura, nos quais a mensagem possui pouco espaço para circulação. Apresentamos, a partir desse ponto, chaves de leitura e reflexão sobre o exílio que, embora não deixem de destacar seu caráter de dor, ruptura e punição, concebem-no por um ângulo mais positivo.

Com o crescimento das práticas transnacionais ao longo do século XX, novas redes de sociabilidade e solidariedade se formaram, e as revistas de exilados possuíram papel fundamental nessa nova configuração (RONIGER, 2010, p. 114). Por meio desses periódicos, os exilados passaram a ter maior notoriedade na esfera pública nacional e, sobretudo, internacional, aumentando suas possibilidades de combater as práticas levadas a cabo pelos Estados ditatoriais. O exílio toma, portanto, um caráter de potencialidade crítica contra regimes autoritários por meio dessas redes transnacionais e da formação de novas alianças políticas possibilitadas, em especial, pela fundação de revistas culturais e políticas.

Julio Cortázar (1997) aponta, nesse sentido, a respeito do exílio. O renomado escritor argentino conclama os escritores e intelectuais latino-americanos a abandonar a tradicional representação do exílio como perda ou dor e perceber essa prática como positiva. A perspectiva do trauma e da nostalgia reforçaria apenas o triunfo do inimigo, ao passo que converter a negatividade do exílio e livrar-se da conotação “romântica” a ele ligada permitiria, ao escritor, elaborar novas ferramentas e discursos de combate aos regimes autoritários que se apoderaram de vários países na América Latina. O intelectual deveria, portanto, aproveitar ao máximo o legado maldito advindo da experiência exílica (CORTÁZAR, 1997).

Revistas como *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana* ofereceram essa chance de revalorização do exílio como instrumento de luta, como ressaltou Cortázar. Os esforços de seus diretores e colaboradores, rumo a tal ressignificação, permitiram que os



intelectuais percebessem o exílio como possibilidade de criação intelectual, justamente por estarem fora de seu país de origem, poderiam escapar da censura e burlar o discurso oficial. Esses periódicos não apenas cultivaram a potencialidade de exercer críticas de maneira aberta e direta aos regimes autoritários, mas também se dedicaram a fomentar novos discursos acerca da realidade e da identidade de seus países originários que divergissem ou contrastassem com a narrativa promulgada pelo Estado.

Encuentro, por exemplo, mobilizou autores que tentaram construir uma narrativa alternativa à do regime castrista no que tange à *cubanidad*. Incorporou em suas páginas poesias de Reinaldo Arenas que tratavam da homossexualidade, a literatura marginal de Guillermo Rosales e concedeu espaço para a análise da produção dos chamados *marielitos*.¹⁰ A revista afrontou o governo ao afirmar que era possível construir um discurso acerca da identidade cubana a partir de fora das fronteiras da ilha, fato, veementemente, negado pelo discurso oficial. Seus colaboradores perceberam na diáspora a possibilidade de reconfigurar os elementos que fundamentavam um suposto ser cubano e travou uma profunda batalha simbólica com o governo e seus intelectuais (GIL, 1999, p. 148).

Em *Araucaria de Chile*, o discurso de Antonio Skármeta nos incita a refletir sobre esta perspectiva, a de que o exílio, ao provocar o distanciamento do seu lugar de origem, permitiria, aos intelectuais, exercer maior capacidade de análise e crítica, “[...] a nos reformularmos como seres humanos e como escritores, [...] a pensarmos sobre os erros que nos conduziram a uma conjuntura semelhante [...]”, de autoritarismo e violência de Estado (SKÁRMETA, 982, p. 134).

Como podemos observar, essas perspectivas propõem o exílio como condição política que precisa ser encarada de maneira ativa pelo escritor/intelectual exilado, que deve buscar ganhar adeptos para suas causas e engajar-se na resistência aos regimes autoritários. Acreditamos que essa é uma visão do exílio igualmente válida, e que, ao contrário do que possa aparentar, não suaviza o trauma e a ruptura com as condições culturais dos indivíduos atingidos, mas intenta canalizá-las de maneira favorável aos próprios exilados, oponentes políticos dos governos repressores.

Por fim, como último esforço de reflexão, pensamos que a condição de escrever submetida à situação do exílio levou a uma profícua produção intelectual, dos artigos científicos e ensaios aos mais variados gêneros literários, dentre os quais o *testimonio*. As revistas exílicas puderam captar toda essa variedade de formas discursivas, tornando-se fontes potencialmente ricas para a análise das narrativas do exílio.

¹⁰ Ficaram conhecidos por *marielitos* os cubanos que deixaram seu país pelo porto de Mariel, no ano de 1980, rumo aos Estados Unidos. A chamada *Geração de Mariel* ficou marcada pelo grande rechaço que recebeu por parte da população que permaneceu em Cuba e pelos exilados cubanos que os receberam em Miami. Geralmente negros, pobres, homossexuais e incompatíveis com o discurso castrista e da oposição da Flórida, os *marielitos* foram colocados em uma posição de profunda marginalidade. Dentre outros dessa geração, ficaram conhecidos os escritores Reinaldo Arenas e Guillermo Rosales.



Como afirmamos anteriormente, é possível falar, como apontam Juan Armando Epple (1981), Claude Cymerman (1993) e Paloma Vidal (2004), de uma linguagem do exílio forjada por escritores desterrados, tratem ou não, especificamente, do tema do exílio em suas obras. Epple (1981, p. 210) explica a necessidade do escritor diante da repressão política:

Frente à destruição dos fundamentos cotidianos com os quais se vivia antes do golpe militar, e ante a necessidade de expressar e dar uma significação às novas experiências vitais, os escritores recorreram às mais variadas formas narrativas, não com um simples afã de experimentação formal, mas tratando de provar a eficácia das opções oferecidas pela escrita no sentido de canalizar a necessidade expressiva.

Ressaltamos que apesar de possuírem o mesmo caráter de resistência política e de denúncia em relação às atrocidades produzidas no país do autor, as ficções forjadas no exílio, como os romances e as novelas, possibilitam, em menor potencial, a formação de redes de sociabilidade intelectual se comparadas às revistas, que coadunam colaboradores diversos. Considerando que as novelas e os romances produzidos sob o exílio, assim como as revistas, tenham um caráter político, tais textos, em que pese o impacto que possam causar no leitor em razão da linguagem ficcional e metafórica, possibilitam uma menor capacidade de análise das questões políticas candentes que acontecem no país de origem do escritor, pelo simples fato de não terem a dinâmica de contribuição intelectual, produção e publicação que as revistas possuem.

É verdade que os romances, as novelas, a poesia e as revistas frutos do desterro são, todos, narrativas do exílio, inevitavelmente impactados por essa condição política e que, portanto, contribuem sobremaneira para a construção de textos testemunhais, nos quais a experiência traumática pode ser direcionada para temas e questões referentes à solidão, ao corpo e à memória, como apontou Paloma Vidal (2004). No entanto, o que destacamos, aqui, é que as revistas de exílio podem ser encaradas como fonte/objeto historiográfico, ainda mais substancial para a análise desse conteúdo por veicular uma diversidade maior de textos: literatura, crítica literária, ensaios, artigos de caráter acadêmico e imagens, difundindo, dessa forma, as representações dos intelectuais colaboradores dos periódicos acerca dos assuntos políticos de seus países.

Ademais, as revistas de caráter cultural e político, como *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*, em comparação com os jornais, por exemplo, possuem um tempo de elaboração maior e não estão submetidas ao imediatismo das notícias, o que proporciona maior reflexão e criação de textos, em princípio, mais analíticos (CRESPO, 2010, p. 2). É também essa capacidade analítica, pulverizada e ampliada sob a forma de artigos, ensaios, poemas, fragmentos de romances e crítica literária que permitem às revistas culturais – exílicas ou não – ganhar, nesse sentido, uma pluralidade de olhares e



perspectivas sobre eventos históricos, condição que um romance, por exemplo, não possui, já que explicita uma forma ficcional específica de reflexão, a de seu autor.

As características caras às revistas de exilados políticos que buscamos analisar aqui, ainda que de maneira incipiente, evidenciam as amplas possibilidades de investigação, análise e descoberta para os estudiosos da condição exílica que se proponham a encarar, metodologicamente, esses impressos não apenas como fonte, mas, sobretudo, objetos de pesquisa da História. Urge que novas reflexões acerca das revistas de exilados ganhem terreno na historiografia e enriqueçam os debates sobre o exílio intelectual.

Considerações finais

À guisa de conclusão, podemos, portanto, compreender as revistas exílicas a partir de três características essenciais: como bens culturais de resistência política, como espaços de socialização de intelectuais que visam diminuir a sensação de isolamento provocada pelo exílio e, por fim, como meios de circulação de ideias e debates acerca de assuntos diversos. *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana* atuaram no sentido de organizar-se enquanto oposição política às ditaduras de Augusto Pinochet e de Fidel Castro, respectivamente, mas serviram, também, como formas de expressão das artes visuais e da literatura chilena e cubana, bem como discorreram sobre assuntos políticos variados, embora todos eles estivessem marcados pela condição do exílio.

O que nos moveu na escrita deste artigo não foi esgotar a discussão a respeito da produção intelectual no exílio por meio das revistas, mas, sim, contribuir para um debate que se encontra pouco consistente nesse aspecto. Ao trabalharmos com as revistas *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*, procuramos mostrar que, embora criadas em contextos políticos distintos e pautadas por editorialismos programáticos pouco consonantes – *Araucaria* marcadamente de esquerda e *Encuentro* com um viés político moderado de esquerda -, ambas, como revistas de intelectuais exilados, tenderam a apresentar similitudes no que concerne à articulação de suas críticas aos governos ditatoriais. Fundamentalmente, o que as uniu foi o interesse precípuo na (re)construção da democracia no Chile e em Cuba. Estabelecemos esses dois impressos, portanto, como paradigmas, de modo a extrair deles características gerais das revistas exílicas.

Nossos argumentos foram construídos no sentido de evidenciar as ricas possibilidades de interpretação e estudo historiográfico sobre a experiência marcante do exílio por meio das revistas: o sofrimento e a ruptura com os padrões culturais do ambiente de origem que ele provoca, mas, também, entendido enquanto possibilidade de criação intelectual, de formação de redes intelectuais, de denúncia da violência política estatal,

praticada em seus países de origem e, por fim, como possibilidade, também, de construção de um discurso alternativo ao oficial. Muito da história intelectual da América Latina surgiu da condição exílica e, não resta dúvida, que as revistas não só foram resultados desse processo, como, principalmente, deram vazão a debates fecundos travados pelos intelectuais latino-americanos.

Referências:

ABARZUA, Hector Fernando. Por una historia en el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n°7, p.145-157, 1979.

AGGIO, Alberto. O Chile de Allende: entre a derrota e o fracasso. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 77-93.

ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: notas de investigación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006, 139 p.

_____. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina: la ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p. 9-29.

ANTUNES, Priscila Carlos Brandão. *Serviços secretos e democracia no cone sul: premissas para uma convivência legítima, eficiente e profissional*. Niterói: Impetus, 2010, 302 p.

BAQUERO, Gastón. *La cultura nacional es un lugar de encuentro*. Encuentro de la Cultura Cubana, n° 1, p. 4, 1996.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, p. 105-115, enero-marzo, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual: itinerário de um conceito*. Editorial Montessor, 2002, 127 p.

CORTÁZAR, Julio. América Latina: exilio y literatura. In: *Lectura crítica de la literatura americana: Actualidades fundacionales*. Ed. Saúl Sosnowski. Caracas: Ayacucho, 1997. p. 639-645.

CORVALÁN, Luis. La Revolución de Octubre y los Derechos Humanos. *Araucaria de Chile*, Madrid, n°1, p. 55-67, 1978.

CRESPO, Regina. Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA Y CIENCIAS SOCIALES. Colima, Universidad de Colima, 2010. CD-ROM. p. 1-15.

CYMERMAN, Claude. La literatura hispanoamericana y el exilio. *Revista Iberoamericana*, v. LIX, n° 164-165, p. 523-550, julio-diciembre de 1993.

DA FONSECA, Vilma L. Encuentro de la cultura Cubana: Intelectuais Dissidentes e Revistas Culturais. *Revista Brasileira do Caribe*, p. 243-288, Julio-Diciembre, 2006.

DÉVES-VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina: hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago: Universidad Santiago de Chile, 2007, 269 p.

EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n° 1, p. 5-8, 1978.

EDITORIAL. *Un hasta luego. Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 53-54, p.3-4, 2009.

EPPLE, Juan Armando. *La literatura chilena del exilio. Texto Crítico*, n. 22-23, p. 209-237, julio-diciembre de 1981.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Ditadura e resistência no Chile: da democracia desejada à transição possível (1973-1989)*. Franca: UNESP, 1998, 196 p.

GIL, Lourdes. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n° 14, p.144-154, 1999.

GONZÁLEZ-DAGNINO, Alfonso. *El Exilio. Araucaria de Chile*, Madrid, n° 7, p. 117-134, 1979.

_____. El Genocidio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n° 1, p. 35-55, 1978.

GOTT, Richard. *Cuba: A new history*. New Haven: Yale University Press, 2004, 384 p.

MARTÍNEZ, Manuel Díaz. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n° 11, p.149-159, 1998-1999.

MASPERÓ, François. *Encuentro entre la isla y lo el exilio. Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 10, p.101-103, 1998.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____.(Org). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13-38.

ORELLANA, Carlos. Bitácora personal de una historia colectiva. *Araucaria de Chile: Indice General (1978-1989)*. Santiago de Chile: Ediciones del litoral, 1994, p. 9-32.

POLICZER, Pablo. A polícia e a política de informações no Chile durante o governo Pinochet. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 325-356, 1998.

QUEVEDO, Radhis Curí. *Destierros y exilios interiores. Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 14, p.179-186, 1999.

RAMA, Ángel. *La riesgosa navegación del escritor exilado. Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, março-abril, p. 95-105, 1978.

REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Exilios y retornos chilenos. *Revista Annales*, Séptima Serie, n. 3, p. 177-187, julio 2012.

_____. Vivir con miedo, morir en el terror: Chile (1973-1990). *Ecuador Debates*, Quito, p. 91-104, diciembre del 2003.

REIS, Mateus Fávaro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*. 2012. 426f.



Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2012.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Literatura y exilio. Vuelta*, México, v. 6, n. 63, p.45-47, febrero 1982.

ROJAS, Rafael. *Tumbas sin sosiego: revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano*. Barcelona: Anagrama, 2006, 512 p.

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: Refazendo identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 39-73, 1999.

RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. *DADOS, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol.53, n.1, 2010, p. 91-123.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 352 p.

_____. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 127 p.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América, Cahiers du CRICAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, p. 9-15, 1992.

SILVA, Êça Pereira da. *Araucaria de Chile: a intelectualidade chilena no exílio (1978-1989)*. 166f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2009.

SIMMEN, Andreas. *Tras la muerte de Jesús Díaz. Encuentro de la cultura cubana*, Madrid, nº 25, p. 65-68, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Rémond, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-269.

SKÁRMETA, Antonio. *La nueva condición del escritor en el exilio. Araucaria de Chile*, Madrid, nº19, 1982, p. 133-143.

TEITELBOIM, Volodia. *Salvador Allende: presencia en la ausencia. Araucaria de Chile*, Madrid, nº24, p. 19-24, 1983.

_____. *Santa Fe y los intelectuales de América Latina. Araucaria de Chile*, Madrid, nº16, p. 19-29, 1981.

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004, 98 p.

VIDAL, Virginia. *Mal de ausencia. Araucaria de Chile*, Madrid, nº7, p. 137-144, 1979.